Universidade de São Paulo

Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”

LCF 0679 – Políticas Públicas, Legislação e Educação Florestal

O resgate da conexão entre homem e natureza

Helena Alves Quililci Coutinho

Piracicaba

2018

Em nosso mundo atual existe um culto exagerado ao capital e aos bens que são obtidos por ele. Esse culto acaba por nos afastar de nossa essência: a natureza. Vivemos uma vida com cada vez menos contato com o natural no sentido lúdico e contemplativo, já que não precisamos estabelecer a relação de sobrevivência que nossos antepassados tinham. Essa substituição do natural pelo artificial e pelo virtual, bem como o distanciamento do homem com a natureza, fazem com que não identifiquemos as necessidades básicas de preservação do meio ambiente e, desta forma, chegamos ao grau de devastação vista hoje em dia em nosso planeta.

Tendo em vista esse panorama, minha utopia é que haja uma mudança de pensamento nos seres humanos que os levem a alterarem suas percepções a respeito da natureza, aproximando-os e criando uma relação de amor e cuidado.

Esse relacionamento complexo, harmônico e respeitoso do homem para com a natureza, figura central da minha utopia, já existiu no mundo em sociedades antigas. Segundo Gonçalves (2008), os fenômenos naturais eram explicados pela ação de deuses, entidades responsáveis e organizadoras da vida no planeta (podemos citar os deuses do sol, do mar, da Terra, dos ventos, das chuvas, dos rios, das pedras, das plantações, dos raios e trovões, entre outros). O medo da vingança dos deuses era o moderador do comportamento dessas pessoas, impedindo uma intervenção desastrosa, ou, sem uma justificativa plausível ante a destruição natural.

Essa relação pautada na divinização da natureza tornava essas civilizações, então, em agentes de preservação do meio ambiente, além de despertar a noção da necessidade que o ser humano tem da natureza (a natureza prove sobrevivência para o ser humano) e não o contrário: a natureza não precisava do ser humano para existir, mas o ser humano precisa da natureza.

Segundo Souza et. al., essa relação mudou com os avanços do conhecimento e o processo de avanço técnico industrial, vistos com a chegada da Revolução Industrial (entre os séculos XVIII e XII). A relação homem-natureza foi se desfazendo, à medida que o pensamento da geração de bens e exploração crescia. Também é a partir desse momento histórico que se iniciam as principais problemáticas ambientais que temos hoje, como, por exemplo: a exploração de recursos naturais não renováveis, queima de combustíveis fósseis, entre outras. Hoje, Souza et. al. defende que esse modelo “exploratório” de uso da natureza para o desenvolvimento econômico chegou ao limite.

A degradação ambiental, a consequente queda na qualidade de vida e aumento da desigualdade social, estão a exigir, ao meu ver, uma discussão que aprofunde a articulação entre trabalho, meio ambiente e desenvolvimento econômico, pois se questiona até que ponto os recursos naturais e a humanidade suportarão o modelo hegemônico de produção, trabalho e consumo.

Segundo Moreira (1985), quando o capital busca cada vez mais a produtividade do trabalho e, assim, a elevação da taxa de exploração do trabalho e da natureza, ele amplia a base de alienação do trabalho e da própria natureza, gerando uma oposição entre sociedade e natureza. Segundo a lógica capitalista, a natureza pode ser um empecilho para o desenvolvimento econômico, já que preservá-la implica em diminuir a capacidade potencial de exploração da mesma. O mesmo capital nos faz crer que existe um questionamento intrínseco à suas ações, onde devemos escolher entre preservação e estagnação contra exploração e prosperidade.

Para mim, só conseguiremos alcançar essa consciência através de uma educação ambiental pautada na geração de um pensamento crítico naqueles que por ela são atingidos, retornando à percepção de mutualismo que une o homem à natureza, o primeiro preservando-a e a segunda promovendo o sustento. Segundo Deluiz e Novicki (2017), torna-se fundamental discutir as várias concepções de desenvolvimento econômico em disputa além das ideologias, valores e comportamentos que envolvem essas concepções, tendo em vista a superação da alienação homem-natureza e a construção de um modelo alternativo de desenvolvimento apoiado na sustentabilidade democrática e na superação da desigualdade e da exclusão social, que se reflita nas concepções e práticas educacionais.

Para mim, a implementação da educação ambiental deve ter como objetivo a formação de valores e ideais de relação com o meio ambiente. E. para que se alcance um resultado satisfatório, é importante à utilização de técnicas, dinâmicas e do cenário ambiental de degradação que a população vivencia. A educação ambiental, ao meu ver, exerce um importante papel nos diferentes níveis do ensino, contribuindo efetivamente para a diminuição da poluição ambiental, um olhar crítico sobre as ações e escolhas diárias do cidadão e o reestabelecimento da conexão entre homem e natureza.

Neste cenário, a educação ambiental e suas diferentes abordagens, alcançam metodologias aplicadas no contexto de conscientizar a população dos problemas ambientais. Segundo Silva (2007) “a educação ambiental são as práticas educativas relacionadas à questão ambiental, e que se desenvolve na prática cotidiana dos que realizam o processo educativo”.

Por outro lado, a escassez de discussões sobre o tema homem-natureza e a forma como este é abordado é muito preocupante a medida que fica sob a responsabilidade apenas do educador levar à sala de aula uma educação ambiental menos conservadora e tecnocrática, que estabeleça uma relação consciente entre o ser humano e a natureza. É necessário criar espaços de discussão em mais lugares e de formas mais diversas. Formas estas que se adequem à necessidade do ouvinte, tornando-o consciente de seu papel como agente de preservação e divulgação.

Por isso, quero utilizar minha formação para ser uma agente de mudanças. Acredito que essa utopia é de difícil realização, já que, na lógica do capital, não há motivação para que essa mudança seja aplicada, pelo menos em um curto a médio prazo. Mas vejo com extrema necessidade que comecemos a educar e a atingir as pessoas com essa temática em nossas áreas de atuação profissional, familiar e todas as outras onde estamos inseridos. E acredito, ainda, que essa matéria me deu uma base muito boa para que eu possa ser essa mudança e, assim, devolver à sociedade aquilo que ela me deu através desta universidade pública.

Referências Bibliográficas

DELUIZ, Neise; NOVICKI, Victor. **Trabalho, meio ambiente e Desenvolvimento Sustentável: Implicações para uma proposta de formação crítica.** **Boletim Técnico do Senac:** A Revista da Educação Profissional, São Paulo, v. 20, n. 2, p.1-8, 04 out. 2017.

GONÇALVES, J. C. **O homem e a natureza: uma relação conflitante ao longo da História.** Revista Multidisciplinar da UNIESP, n. 6 – dez/2008 Disponível em: http://www.inbs.com.br/ead/Arquivos%20Cursos/SANeMeT/HOMEMNATUREZA%20- %20UMA%20RELA%23U00c7%23U00c3O%20CONFLITANTE%20AO%20LONG O%20DA%20HIST%23U00d3RIA.pdf. Acesso em 23/11/2018;

MOREIRA, Ruy. O que é Geografia. (Col. Primeiros Passos) São Paulo: Brasiliense, 1985.

SILVA, V. **A relação entre educação ambiental formal e não formal: Um estudo de caso do parque natural municipal da Taquara e as escolas do entorno.** Monografia. Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense – 2007.

SOUZA, Allan Guilherme Rodrigues de; FERNANDES, Raquel Gomes; VIEIRA, Rafael da Silva. **EDUCAÇÃO AMBIENTAL: ABORDAGEM DA RELAÇÃO HOMEM NATUREZA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL**. **Realização,** Dourados, v. 5, n. 9, p.28-33, 06 ago. 2018.